

Como fazer educação (ambiental)

Ana Mansoldo

Psicóloga, pós-graduada em Educação Ambiental e colaboradora do Centro de Ecologia Integral

Construir valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, pela sustentabilidade da vida não é exatamente uma novidade das atuais políticas de educação ambiental, considerando que seriam estes os princípios norteadores da vida dos nossos ancestrais. Educar sempre foi, portanto, transmitir de geração a geração a maneira de sobreviver preservando o ambiente, a fonte de vida de todas as espécies.

Mas, num certo momento, passamos a subjugar a natureza ao nosso interesse, nos apropriando com exclusividade de todos os recursos disponíveis. Desconsideramos que seu tempo de recuperação segue um paciente ciclo natural e não corresponde à premência de nossa avareza consumista. Esta prática extorsiva, de uma cultura de acumulação e desperdício, se mostrou insustentável, resultando no iminente colapso da vida na Terra.

Então, o que era apenas o processo natural para aprendermos a sobreviver, passa a ser chamado **educação ambiental**, regida por leis, proclamada em discursos acadêmicos, técnicos e políticos, na urgência de transformarmos esta realidade devastadora.

Como a proposta sugere uma novidade, a pergunta angustiante parece óbvia: **como fazer educação ambiental?** Basta ser educador, eu diria, amparada por Paulo Freire, pois *a educação é a alavanca transformadora da realidade*. Evidente que Freire se refere à educação libertadora, a que promove a autonomia do educando: (...) *a realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que ela é modificável e que ele pode fazê-lo*. Ou seja, uma educação para conscientização.

Conscientização não é apenas a apreensão ingênua da realidade, mas é quando o ser humano assume o seu papel de sujeito que faz e refaz o mundo numa permanente e mútua transformação. É o olhar crítico para desvelar a realidade e os mitos que a enganam.

É questionar as ações inconscientes e repetitivas do cotidiano. É perceber a vida não como um beco sem saída, mas como desafios a responder.

Educação para conscientização é **diálogo**, um encontro de sujeitos interlocutores que buscam juntos o conhecimento. E conhecimento não se dá por transferência de saber, por mera informação, mas pela compreensão das causas e conseqüências de cada ação individual, repercutindo no coletivo.

O educador libertador é o que considera o mundo como produto da percepção subjetiva e propicia ao educando experiências que ampliem sua percepção, permitindo que ele se reconheça como transformador desse mundo. É o que respeita no educando sua vocação de ser sujeito. Um sujeito capaz de fazer escolhas dentro de seu momento, de seu contexto. Disso emerge a consciência de si e a capacidade de intervir em seu ambiente, não só adaptado, mas integrado à realidade.

Este é o desafio do educador (ambiental), transformar o sujeito pela sua própria experiência, enfatizando a responsabilidade por suas escolhas, criando contextos de autonomia e de relações, fazendo cultura. Quanto maior sua percepção do mundo mais ele pode avaliar as conseqüências de suas ações, mais pode optar pela construção ou pela destruição. O sujeito educado para consciência de si e do mundo age espontaneamente pela redução de supérfluos, pela destinação adequada do lixo, pelo respeito às plantas, aos rios e aos animais, pelo cuidado consigo e com seu semelhante, como simples conseqüências de seu novo olhar para o mundo.

Peço licença para terminar, soletrando a canção de rebeldia, que existe nos fonemas da alegria; canção de amor geral que eu vi crescer nos olhos do homem que aprendeu a ler. Thiago de Mello, 1965

Sugestão de Leitura:

Pedagogia do Oprimido - Autor: Paulo Freire

Este é o desafio do educador (ambiental): transformar o sujeito pela sua própria experiência, enfatizando a responsabilidade por suas escolhas